

VIDAS ARRISCADAS

Iray Carone*

FEFFERMANN, Marisa. *Vidas arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis, Vozes, 2006.

Muito tem sido escrito sobre o livro de Marisa Feffermann, *Vidas arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico*, recém-publicado pela Editora Vozes e lançado na Livraria Cultura de São Paulo em outubro deste ano. Livros de impacto podem causar efeitos meramente epidérmicos; outros calam mais fundo e vão construindo sua própria história mundo afora. Com diz um ditado latino, são os leitores que determinam o destino de um livro. Eu diria que o livro de Marisa, resultante de uma tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, criou algo realmente novo para análise e reflexão dos leitores sobre a realidade dos jovens inscritos no tráfico de drogas. A começar pelo título, que os designa como “trabalhadores”, pois eles assim tratam o *trampo embaçado*, o duro e arriscado expediente de doze horas diárias na parte mais baixa da hierarquia do tráfico.

Tentemos descobrir, então, a razão do impacto desse livro: o tema inquietante ou o tratamento diferenciado dado a ele? As preocupações atuais do governo e da sociedade civil brasileira com a organização criminoso chamada de Primeiro Comando da Capital, que mostrou sua força nos idos de maio de 2006 na capital paulista? A necessidade de uma literatura acadêmica, voltada para essa realidade tão árdua quanto cotidiana, que se mostre capaz de cumprir as exigências metodológicas de uma pesquisa científica? A necessidade de politizar o problema, para além dos discursos moralistas ou policiais, a fim de compreendê-lo pela via científica e vislumbrar algumas alternativas da práxis como atividade de aperfeiçoamento das instituições sociais? São muitas as indagações e talvez não sejamos capazes de responder a todas.

No âmbito geral, é um livro sobre *os jovens de classes subalternas* e os riscos de vida que estão correndo nas sociedades atuais, sobretudo naquelas em que o Estado se mostra omissivo e violento. O Brasil, dizem as estatísticas sociais, é o quinto lugar em homicídio

de jovens de 15 a 24 anos. Eles estão sujeitos a uma dupla vulnerabilidade: os apelos violentos da sociedade de consumo e a sua situação de pobreza. Os dois vetores podem dar uma resultante: a sedução do mercado ilegal das drogas.

Daí, então, a autora ter tomado como objetivo de sua pesquisa a escuta de jovens envolvidos no narcotráfico, moradores da periferia da cidade de São Paulo. A escuta já é, por si só, um dado novo da pesquisa: o contato direto com os jovens. Se a vida deles é arriscada, o pesquisador também pode estar sob risco ao se aproximar deles, ouvir as suas narrativas e saber de suas atividades clandestinas no crime organizado do tráfico de entorpecentes.

Em seguida, como o método é uma função do objeto, tentou descobrir a forma de análise compatível ao tema. Pelas muitas convergências não casuais entre o narcotráfico e o movimento do capital, a orientação da análise tornou-se basicamente marxista, conduzindo a autora a um resultado surpreendente: o desenho de uma fisionomia do narcotráfico e de suas organizações criminosas. Quando falamos em *fisionomia*, no sentido que Theodor W. Adorno emprestou à expressão, estamos nos referindo à descoberta e descrição de traços estruturais ou imanentes de um fenômeno emergente. Uma organização criminosa como a do narcotráfico se estabelece por meio da confiança e cooperação de seus membros, mesmo que elas sejam pautadas pelo uso da violência, distribuição e troca de favores, linha de comando, hierarquia, necessidade de lealdade e a lei do silêncio. Ela tem também uma racionalidade capitalista, entrando na engrenagem da circulação pela porta da lavagem de dinheiro. Ela não se sustenta sem a cooperação/convivência do Estado, embora, por vezes, haja confronto com os aparelhos repressivos. Ela tem a sua inserção geopolítica no comércio internacional e globalizado, e é responsável pela movimentação de um trilhão e meio de dólares ou mais. Nessa geopolítica, as atividades de produção das drogas foram estimuladas nos países pobres e muito pobres, enquanto que o consumo ficou por conta dos países ricos. Por fim, o novo tipo de acumulação advinda dessa movimentação do capital é de caráter rentista.

Se analisarmos a configuração da exposição do livro, veremos que obedece a uma premissa da dialética clássica: a do primado do todo sobre a parte, do primado do social sobre o individual. O estudo sobre as condições objetivas (econômicas, históricas, políticas e sociais) é parte necessária de sua análise das condições subjetivas, ou seja, da psicologia social dos jovens inscritos na prática do narcotráfico. E mais: em seis capítulos, encontraremos três sobre os jovens (capítulos 3, 5 e 6); sobre as condições objetivas, os outros três (capítulos 1, 2 e 4). Mas não são partes indissociadas, pois tudo que está referido nos capítulos sobre as condições objetivas está também presente como determinações dialéticas nos capítulos sobre as condições subjetivas. É bom que se diga: sem nenhuma

queda em uma explicação mecanicista de causa e efeito. Pois as determinações dialéticas não são *causas*, mas *mediações* do fenômeno psicossocial.

A teoria crítica da Escola de Frankfurt, do começo ao fim do livro, soa como um grito de alerta, um verdadeiro *aviso de incêndio* no sentido benjaminiano, a respeito da desumanização do indivíduo sob as forças inexoráveis do capitalismo - a barbárie civilizatória moderna. Já não se trata mais dos campos de execução de Auschwitz, mas das *condições* que tornaram Auschwitz possível e que ainda atuam no mundo do pós-guerra. Pois as guerras nem sempre são necessárias ou se constituem como os únicos instrumentos da barbárie para a eliminação dos segmentos mais vulneráveis da população humana. Levá-los ao desespero sem tréguas e a saídas extremamente arriscadas de sobrevivência faz parte de um quadro de aniquilação que dispensa os custos da máquina da guerra. Com a vantagem adicional de permitir a conclusão de que as vítimas são culpadas de seu extermínio.

Ouvir os jovens, nesse caso, significou captar o seu *modus vivendi*, tão distante das classes abastadas e socialmente protegidas. Como disse uma vez Aléxis de Tocqueville, na *Democracia na América*: a distância objetiva e material entre as classes sociais é também uma *distância subjetiva*, pois umas não podem vivenciar a realidade das outras, de modo que não se cria a possibilidade de uma compreensão recíproca de suas necessidades vitais. Daí a hegemonia de discursos moralistas e policialescos das classes dominantes em relação às classes ditas “perigosas”, ou seja, os pobres e abandonados à própria sorte. E mais: sem a consideração do fato de que a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos se faz à custa da miséria de muitos outros, com mais-valia sobrando para financiar a repressão e não para os programas de promoção social.

Essa escuta, feita no próprio lugar das bocas de venda de drogas – as biqueiras –, custou à autora muitas horas de trabalho insano e angústia, mas deu aos relatos uma notável vivacidade, como se nós, leitores, estivéssemos de corpo presente ouvindo. As gírias são seu código de comunicação cifrada; a linguagem truncada e abreviada parece figurar os transe do perigo, do estado de alerta para correr, não marcar bobeira, cair na mão da polícia e pegar cana. E, no entanto, são garotos comuns, que gostam de brincar nos *shopping centers*, apelidar, namorar, se divertir às pampas, encher a cara e comer goró nas horas de dinheiro quente no bolso, sem esquecer de dar alguns trocados para a mãe. Ah! Olha aí o meu guri!

A subjetividade marcada por condições tão avessas ao que chamamos de infância e adolescência tem lances de astúcia e percepção da realidade feroz: eles sabem que o trabalho do tráfico não tem garantia de aposentadoria! Ou melhor, que nem precisará de aposentadoria e de outros benefícios sociais, pois a vida dessa categoria é curta e incerta.

Continuarão a viver - se viverem - na miséria e falta de opções no mercado formal. Mas, pensando bem, a vida de outros trabalhadores explorados pelo capital não é muito diferente, embora pareça ter mais garantias.

O livro, composto por um notável trabalho da Editora Vozes, em uma tiragem inicial de cinco mil exemplares, está ilustrado com gravuras de grande originalidade e capa com uma fotografia de pernas e pés descalços de garotos rodeando um corpo caído no chão. Eles são anônimos e sem rostos, mas a fotografia de Elói Correa nos causa a profunda impressão que já os vimos, algum dia, perambulando como sombras pelas ruas.

Recebido em julho/2006; aprovado em setembro/2006.

Nota

*Iray Carone é professora aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e pesquisadora da Universidade Paulista.